

## Os jesuítas e a música em Macau e Pequim: o caso do Pe. Joseph Marie AMIOT S.J. (1718-1793)

ANA LUÍSA BALMORI-PADESCA

As ordens religiosas desempenharam um papel muito importante, tanto no campo da educação musical como no da divulgação da música europeia no Oriente, nomeadamente da música sacra. No contexto do Padroado português, partiu de Lisboa rumo ao Oriente um número muito elevado de missionários. Alguns deles eram músicos, cabendo referir o Pe. Tomás Pereira, S.J. (1645-1708),<sup>1</sup> o próprio Mateus Ricci, S.J. (1552-1610),<sup>2</sup> o Pe. Teodorico Pedrini (Lazarista) (1671-1746),<sup>3</sup> o Pe. Karel Slavicek, S.J. (1678-1735),<sup>4</sup> e o Pe. Joseph Marie Amiot, S.J. (1718-1793).

<sup>1</sup> Thomas Pereira nasceu em S. Martinho do Vale a 1 de Novembro de 1645 e entrou no noviciado no dia 25 de Setembro de 1663. Chegou à China em 1673, morrendo em Pequim a 24 de Dezembro de 1708 (SOMMERVOGEL, S.J., vol. 6). Sobre Tomás Pereira, S.J., existe um interessante trabalho de Joel CANHÃO, «Um músico português do séc. XVII na Corte de Pequim: o Pe. Tomás Pereira», *Revista de Cultura*, 4, Jan/Fev/Mar 1988, ICM, pp. 27-39. Considero também a seguinte bibliografia importante: Cesar GUILLEN-NÚÑEZ, «Thomas Pereira, S.J., and the Eclipse of the Portuguese Padroado», in *Portuguese Asia, Aspects in History and Economic History (sixteenth and seventeenth centuries)*, Roderich Ptak (ed.), Stuttgart, Steiner Verlag Wiesbaden GmbH, 1987, pp. 157-176; Joseph SEBES, S.J., *The Jesuits and the Sino-Russian Treaty of Nerchinsk (1689). The Diary of Thomas Pereira, S.J.*, Roma, Institutum Historicum S.I., 1961. José de Carvalho e REGO, 1964, «Um dos maiores Missionários da China – Padre Tomás Pereira, S.J.», *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, vol. 62, n.º 726, Dezembro 1964, pp. 999-1002.

<sup>2</sup> Hüschen, no seu artigo «Jesuiten», publicado na Enciclopédia *Die Musik in Geschichten und Gegenwart*, VII, col. 34, considera-o como missionário e músico na China, o mesmo acontecendo com Christophorus Clavius (músico e matemático), e com Athanasius Kircher.

O Padroado não nasceu de um dia para o outro. Foi antes uma acumulação sucessiva de privilégios e direitos que os Papas conferiram aos soberanos portugueses em reconhecimento do esforço, desenvolvido desde o início da nacionalidade, na expansão da religião cristã.<sup>5</sup>

Dentro do Padroado Português no Oriente destaca-se a Diocese de Macau, fundada, a pedido de D. Sebastião, pelo Papa Gregório XIII através da Bula *Super Specula Militantis Ecclesia* de 23 de Janeiro de 1576 (CARMO, 1997, p. 601).

- 3 Teodorico Pedrini, missionário (1671-1746), entrou para a congregação da Missão Lazarista em 1698. Enviado de Roma pelo Papa em 1701 ao imperador da China, que tinha pedido um artista europeu para o seu serviço. Devia ter feito parte da viagem de Mr. Tournon, o legado do Papa que partiu para inspecionar a conformidade dos ritos praticados pelos jesuítas na China. Contudo, devido a um grande atraso Pedrini não conseguiu juntar-se a tempo nas Canárias, e Mr. Tournon partiu sem ele, atingindo Pondichery, depois Manila e Macau. Foi para Pedrini o início de uma complicada epopeia. A legação tinha seguido a rota habitual, contornando África, mas assim que Pedrini embarcou, os ventos alísios levaram o navio em sentido oposto, para a América do Sul. Desembarcou em Lima, no Peru, antes de voltar para a Europa. Foi então por mar até à Guatemala, e depois por terra a Acapulco no México. Chegou então a embarcar para as Filipinas, onde chega em 1707. Atravessou o mar da China até Macau, onde Mr. Tournon estava como prisioneiro do imperador. Chegado a Macau depois de três meses de navegar, com perigosa tempestades e naufrágios, chegou a tempo de assistir aos últimos momentos de Mr. Tournon que expirava. Apresentou-se em Pequim, onde chegou dez anos depois da sua partida, a 5 de Fevereiro de 1711. Nesse mesmo dia foi recebido pelo imperador Kangxi que o pôs sob a sua protecção, apesar da má vontade de alguns cortesãos. Ficou lá até à sua morte em 1746, primeiro ao serviço de Kangxi, e depois de Yong Zheng, e Qian Long. Das sua obras musicais apenas encontramos o recueil de sonatas, actualmente na Biblioteca de P'ei tang.
- 4 Karel Slavicek S.J., músico, astrónomo e matemático foi missionário na China. Nasceu no dia 24 de Dezembro de 1678, e aos 16 anos de idade entrou para a Companhia de Jesus. Estudou filosofia no Colégio jesuíta em Olomouc, e Teologia na Universidade de Praga. Ordenado sacerdote no ano de 1706, foi professor e pregador na Morávia, tendo em 1715 obtido autorização para partir de Praga para Lisboa, donde, no dia 13 de Março de 1716 continuou viagem para a China, acompanhado pelo Pe. bávaro Koegles. Chegou a Pequim a 2 de Janeiro de 1717, depois a Cantão em 1721, a Kiangsi em 1722-23, e de novo a Pequim em 1724. Faleceu na China em 24 de Agosto do ano de 1735.
- 5 Quatro anos após a morte, em Itália, do último bispo de Kanbalik (Pequim), os bispos já não puderam chegar à diocese, devido à queda da dinastia mongol (1280-1368) (GUERRA, p. 83). Segundo o que nos refere o Pe. Manuel Teixeira, pelos anos de 411 a 415 da nossa era, na China existia um arcebispo metropolitano, a quem alude o escritor siríaco Ebedjesus, no seu *Epitome Canonum*, part. 8. cap. 15, citado por Huc. O célebre monumento siro-sínico de Si-ngan-fú, descoberto em 1625, e interpretado, em linguagem chinesa vulgar, pelo missionário jesuíta português, Pe. Manuel Dias, dá claro testemunho da existência do Evangelho neste país desde o ano de 635 até 781 da nossa era. Conhecido como a estela dos nestorianos, é o monumento mais antigo da presença cristã na China (museu provincial de Shenxi, na antiga capital – Chang'an, hoje Xi'an). Gravado em 781, com caracteres chineses e siríacos, foi enterrado cerca de 845, para escapar à destruição, e descoberto quase 800 anos depois, em 1625 [CARMO, 1997, p. 169]. Gengiskhan, fundador da dinastia Yuen, a qual lhe deu dez imperadores em oitenta e oito anos,

Macau ficou a partir de então, separada da diocese de Malaca, que fora criada em 1557, passando os jesuítas, desde 1565, a terem sede própria em Macau, sendo também sede da Província do Japão (compreendendo o Cambodja, a Cochinchina, o Tonkin e as missões da Indonésia).

O Pe. Francisco Perez foi o primeiro Superior desta sede (Couceiro, p. 28), sendo porém muito provável que a primeira capela de Macau tenha sido a de Santo António, pois já era citada na correspondência dos jesuítas como existindo em 1562.<sup>6</sup>

Segundo Rui Loureiro, o entreposto português de Macau surgiu por volta de 1557, em circunstâncias ainda hoje imperfeitamente conhecidas, sugerindo alguns documentos chineses que a permissão teria sido conce-

desde 1280 a 1368, recebeu do Papa Inocêncio IV, em 1246, uma missão composta por quatro dominicanos e três franciscanos (um deles era fr. Lourenço de Portugal), presididos por João de Plan Carpin, alemão, um dos primeiros companheiros de S. Francisco de Assis. O chefe dos missionários apresentou ao príncipe uma carta do Pontífice Romano, datada de 5 de Março de 1245. S. Luís, rei de França, em 1251, enviou à China o franciscano Guilherme de Rubruquis com carta sua e um presente riquíssimo para o imperador Mon-kou, que correspondeu com dádivas e cartas, recebidas da mão do mesmo religioso, a 15 de Agosto de 1255. Marco Polo, foi portador de cartas e presentes do Papa Gregório X ao primeiro imperador da dinastia Yuen, no ano de 1260. O franciscano João de Montecorvino em 1260 apresentou ao novo imperador cartas do Papa Nicolau IV, construiu duas Igrejas em Pequim, traduziu na língua mongólica o Saltério e o Novo Testamento, e chegou a ver florescentes cristandades na China, pelo que o Papa Clemente V, em 1307, o nomeou arcebispo metropolitano de Pequim. Em 1314 chegou a Pequim o B. Olderico de Pordenone e, em 1331, o Papa Bento XII enviou à China quatro religiosos menores, com o título de núncios apostólicos, a pedido do imperador reinante. Em 1370, Urbano V nomeou arcebispo de Pequim Guilherme du Pret. Estas missões, porém, careceram de êxito feliz em razão da cruenta guerra, movida pela dinastia Ta-ming, contra os Tártaros (TEIXEIRA, pp. 19-22).

Júlio III, na Bula *Non Dubitamus*, de 13 de Fevereiro de 1559, declarava os reis de Portugal *optime meriti* da Santa Sé e de toda a República cristã, pelos descobrimentos de novas terras e mares e pela propagação da Fé (*Bulla Collectio*, Lisboa, 1707, pp. 117-120). A 3 de Novembro de 1534, Paulo III já tinha criado a diocese de Santa Catarina de Goa, pela Bula *Aequum reputamus*. A jurisdição eclesiástica de Goa estendia-se desde o Cabo até à Índia e da Índia até à China. A Sé do Funchal é elevada a metropolitana e primacial de toda a África, Índia e Ásia, descobertas e a descobrir pelos portugueses (GUERRA, p. 83).

<sup>6</sup> Tudo indica que seria a primeira casa de Deus em Macau, ainda em bambú e colmo. Posteriormente, em 1582, seria construída uma outra igreja no local da futura Igreja de S. Paulo, ano em que o colégio também foi reconstruído num novo local, ao pé da Fortaleza do Monte (COUCEIRO, p. 30). Mais tarde, em 1572 o Padre Visitador Gonçalo Alvares ordenou a criação de uma escola elementar (COUCEIRO, p. 31). Por iniciativa de Alexandre Valignano é fundado em 1594 o «Colégio da Madre de Deus» (COSTA, p. 18), que teve classes de Leitura, de Escrita, de Gramática e de Humanidades. Em 1595 surgiu o primeiro Curso de Arte, assim como uma disciplina de Casos de Consciência (Teologia Moral). Finalmente, em 1597, durante a sua estada em Macau, o Pe. Valignano viria a reorganizar todos os cursos dos estudos elementares e superiores, baseando-se a sua regulamentação pedagógica no *Ratio Studiorum* (COUCEIRO, p. 44).

dida pelo *aitão* Wang Bo em 1553, a troco de valiosos presentes.<sup>7</sup>

A Igreja de S. Paulo em Macau (ou de Nossa Senhora da Assunção, ou da Madre de Deus), construída na primeira metade do século XVII (provavelmente em 1601 ou 1602), período que correspondeu ao fim da dinastia Ming,<sup>8</sup> representa o apogeu da arte missionária no Extremo Oriente (COUCEIRO, p. 10). Projectada por um italiano, o Pe. Carlo Spinola, a sua construção demorou pouco mais do que um ano (COUCEIRO, pp. 42-43).

Edificada segundo um plano rectangular, compreendia três naves separadas por grossas colunas de madeira, quatro de cada lado. O topo era também rectangular e o transepto estava separado da capela-mor por um arco majestoso. Ao nível do primeiro andar encontrava-se o coro, com as suas três janelas abertas na fachada da Igreja e os seus dois órgãos, o grande e o pequeno (Couceiro, p. 94).

Nas «Notícias colhidas pelo Pe. José Montanha e outros, no Colégio de São Paulo de Macau»,<sup>9</sup> é referido o seguinte:

Tem o collegio hum mestre de Solfa com sette rapazes do coro para se fazerem as festas, uzamos cá na India de Muzica para mayor devoção do Povo (COUCEIRO, pp. 101-103).

Sem dúvida que a música vocal era ensinada naquele Colégio, pelo menos para o bom funcionamento do coro. Por outro lado, a existência de dois órgãos em S. Paulo leva-nos a afirmar que a música estava presente nas cerimónias lá celebradas.

Encontramos referências a esses órgãos no interessante artigo intitulado «Órgão e Carrilhão nas relações Luso-Chinesas: aspectos de um percurso histórico», da autoria de Gerhard Doderer, no qual é referido o seguinte:

<sup>7</sup> E continuo citando o mesmo autor: «dois anos mais tarde, em 1555, de acordo com os testemunhos de Mendes Pinto e de Melchior Nunes Barreto, o ancoradouro de Macau era regularmente demandado pelos nossos navios que se dirigiam a Cantão. O antigo prisioneiro Amaro Pereira faz uma menção explícita a 'Lampacao que os anos passados era porto de veniaga'. De acordo com Rui Loureiro, esta afirmação parece provar, sem qualquer margem para dúvidas, que, em 1561 ou 1562, o *porto de veniaga* já não se situava em Lampacau, mas havia sido transferido para Macau», in LOUREIRO (2000), pp. 544, 549 e 555.

<sup>8</sup> Dinastia Yuan (mongóis) (1277-1367), dinastia Ming (1368-1644), dinastia Qing (manchus) (1644-1911), in PIMPANEAU, p. 6.

<sup>9</sup> In Cod. 1659, Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, fls. 89-92v.

A partir do séc. XVII, a existência de órgãos em Macau já não constitui motivo de surpresa, mas antes de agrado e de satisfação. O primeiro instrumento no interior da Igreja de S. Paulo é descrito como instalado: «num baú revestido de pele, com uma dezena de tubos de vento ligados com cordas de seda e uma caixa de ar; quando se dirige um sopro ligeiro para a caixa de ar, o baú emite sons claros e ritmados, muito agradáveis, a acompanhar versos» (DODERER, 1998, pp. 110-111).

Mais à frente acrescenta:

O poeta Liang Di, de Xanghai, que era da opinião que o órgão podia ser incluído no instrumentário da música erudita e usado nas cerimónias oficiais da China, escreveu no ano de 1718 o longo poema «Órgão Europeu», em que se refere ao instrumento que ouviu na Igreja de São Paulo em Macau: «Toca-se nos andares superiores da Igreja de São Paulo, para ser ouvido a centenas de lis de distância» (DODERER, 1998, p. 111).

Relata Lopez-Gay que os instrumentos musicais estavam muito limitados nas casas dos jesuítas, de acordo com as mais primitivas ordenações daquele Instituto. No entanto, os que deviam acompanhar a música litúrgica não entram dentro desta proibição, tendo os órgãos sido introduzidos nas missões para uma maior solenidade das celebrações litúrgicas.<sup>10</sup>

Os missionários que iam rumo ao Japão, paravam obrigatoriamente em Macau onde permaneciam, por vezes, largos meses, esperando a nau que os levaria ao seu destino. Refere Lopez-Gay, e cito:

Aquella larga espera les ofrece los últimos momentos para perfeccionarse en la música (....)

De hecho, cuando la nave de Antonio da Costa los dejó en el Japón, a 21 de julio de 1590, aquellos jóvenes japoneses venían convertidos en auténticos maestros de música, no sólo en el campo teórico – y éste es un dato muy importante –, sino en el práctico. Bajo este aspecto, el viaje constituyó un éxito. Hasta nosotros ha llegado un Diálogo, impreso en Macau aquel mismo año de 1590, compuesto artificiosamente por los japoneses embajadores, bajo la dirección de los misioneros y traducido al latín por P. de Sande.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> LOPEZ-GAY, S.I., pp. 182-183.

<sup>11</sup> LOPEZ-GAY, S.I., p. 188.

Está a referir-se à célebre primeira Embaixada de japoneses à Europa, cujo relato nos chega através da obra do Pe. Luís de Fróis S.J., que sob o título *Tratado dos embaixadores iapões que forão de Iapão a Roma no anno de 1582*, foi apenas publicada a primeira parte do texto, respeitante à viagem entre Nagasáqui e Lisboa e à peregrinação por terras europeias, mantendo-se o relato da viagem de regresso inédito.<sup>12</sup>

Por outro lado, a Igreja de S. Paulo tinha uma torre. Uma descrição com referência a cinco sinos tem o seguinte teor:

Tem na torre cinco sinos. O primeiro que serve para se tocar aos sermoens, o quarto he que se toca aos Estudos, tem hum mais piqueno.

Sempre este collegio teve Relogio, e os mesmos sinos da torre servião de relógio, o anno de 1743, que nesse anno chegou hum relógio por via de França, que foy feito em Alemanha com rodas de bronze, e ferro a moderna, està boa obra.

[fl.85]

Tem quartos de repetição, e se lhe puzerão dous sinos piquenos fora da torre, que se ouvem em toda a cidade.

Para as horas se poz tãobem hum sino, que tem doze arobas, que também está fora da torre, e se ouve bem na cidade toda.<sup>13</sup>

Numa gravura publicada no *TA-SSI-YANG-KUO*, vol. 2, p. 485, (v. p. 129) inserida num artigo intitulado *Em prol de umas ruínas. A propósito do frontespicio do Collegio de S. Paulo, em Macau*, constam três sinos na fachada da Igreja de S. Paulo:

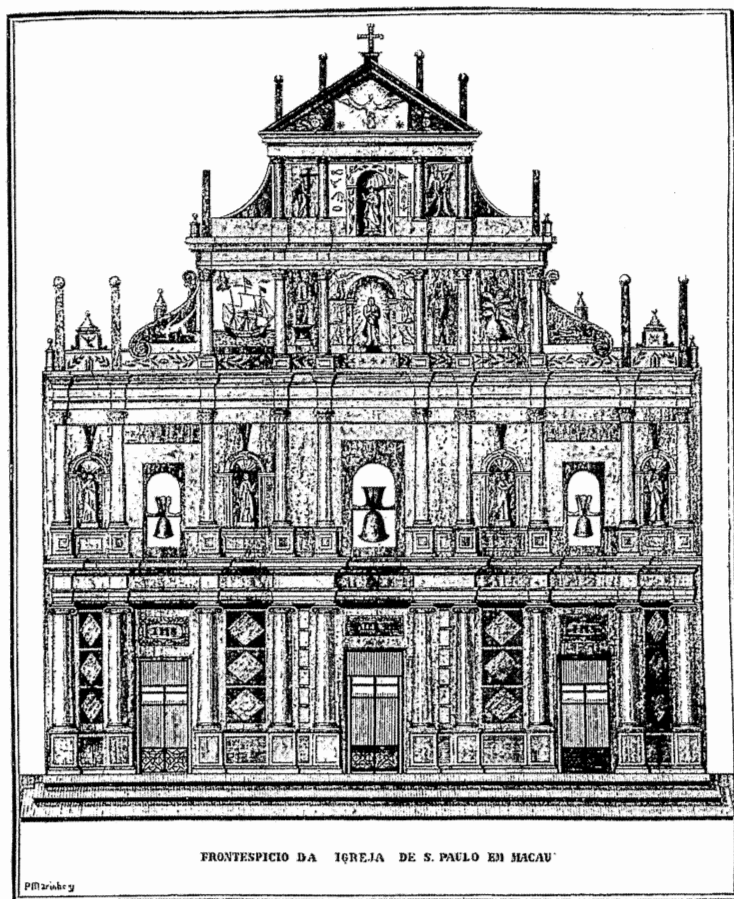
Os Santos a que o sr. Basto se refere não estão em cada lado da Rainha do Céu, mas a cada lado das janelas, hoje desguarnecidas, da Egreja, e em que, depois do incendio, se collocaram uns sinos, como se pode ver na curiosa gravura que acompanha este artigo.

<sup>12</sup> Rui Loureiro em introdução ao *Tratado dos Embaixadores Japões* do Pe. Luis de FROIS, S.J., p. 10.

<sup>13</sup> *Noticia da Igreja deste Collegio de Macau cabeça da nossa Província de Jappam desde o anno de 1638* (cod. 1695, A.H.U., Lisboa, fl. 83; publicada in COUCEIRO, pp. 168-170).

E em anotação, é referido que:

Os sinos foram ahi collocados provavelmente quando se converteu a arruinada egreja em cemiterio. A torre dos sinos estava provavelmente junto ao edificio do collegio que o fogo devorou e que se estendia por todo o lado da escadaria onde actualmente se veem uns immundos casebres. A gravura é a reprodução d'uma grande lithographia de Manuel Ir. da Costa, que tinha officina em Lisboa na R.N. dos Martyres nos. 12, 13 e 14. Foi desenhada e impressa provavelmente entre 1838 a 1854. O exemplar que pussui mede 48 x 39,5 centímetros e foi por mim adquirido na loja do sr. João Pereira da Silva e Filhos, na R. dos Retrozeiros.



Por Macau passaram muitos viajantes, deixando relatos com interesse. Um deles é o de Peter Mundy que partiu de Inglaterra em Abril de 1636 na armada do chamado *interloper Squire Courteen*, e chegou à rada de Macau em 5 de Julho de 1637, depois de fazer escala em Goa (Boxer, 1990a, p. 134).

Após a apresentação de credenciais pelos ingleses desta armada, foi-lhes mostrada pelos jesuítas (a Mundy e aos seus acompanhantes), a igreja e o colégio de S. Paulo.

Mundy descreve a beleza da Igreja da Madre de Deus como segue:

O tecto da Igreja que pertence ao colégio, o mais bonito que me lembro ter visto, é uma excelente obra executada por chineses, em talha dourada e curiosamente pintada com cores admiráveis como vermelhão, indigo, etc. Está dividida em caixotões, nas junções dos quais há grandes rosas de muitas pétalas sobrepostas, até se juntarem todas num ramo de uma jarda de diâmetro na parte mais larga e pendente do tecto na altura de uma jarda.

Há também um novo e lindo frontespício da dita Igreja a que se tem acesso por uma enorme escada de pedra. Tanto o frontespício como a escadaria são de granito gravado (BOXER, 1990a, p. 135).

Mundy relata que assistiu a uma representação teatral organizada pelos jesuítas, que teve lugar na Igreja de S. Paulo. Tem grande interesse, pois ajuda-nos a compreender a actividade daqueles padres, no campo das artes:

A 5 de Dezembro o nosso almirante e os comandantes foram convidados pelos padres de S. Paulo para irem a terra assistir a uma representação na Igreja de S. Paulo feita por crianças da cidade, sendo mais de cem as que deviam actuar; mas eles não foram.

Eu próprio e outros que estávamos em terra, fomos. Eram cenas da vida de esse muito afamado S. Francisco Xavier, nas quais havia passagens muito interessantes, nomeadamente uma dança chinesa, por crianças em trajes chineses e uma batalha entre os portugueses e os holandeses representada em dança, na qual os holandeses eram derrotados, mas sem que houvesse palavras depreciativas ou acções ofensivas a essa nação.

Outra dança de caranguejos, constando de muitos rapazes



lindamente mascarados como se fossem esses animais, todos eles cantando e tocando instrumentos como se fossem caranguejos.

Outra dança de crianças tão pequenas que parecia impossível que pudesse ser feita por elas (porque podia haver dúvidas sobre se algumas delas seriam capazes de andar), escolhidas com o propósito de causarem admiração.

No fim de tudo, um deles (o mesmo que representava S. Francisco Xavier) mostrou tal destreza com um tambor, atirando-o ao ar e apanhando-o, virando-o e fazendo-o rodar com tão excepcional ligeireza, sempre a compasso com a música, que foi admirável à assistência. (BOXER, 1990a, p. 136)

E dentro do campo das artes, mais concretamente da música, sobressaiu uma figura muito importante, mas pouco estudada, a do padre jesuíta francês Joseph Marie Amiot,<sup>14</sup> missionário em Pequim, a sua obra mais conhecida é *Mémoire sur la Musique des Chinois, tant anciens que modernes*.

Considerando Macau como ponto de apoio, foi fundada em 1583, por Michele Ruggieri e Matteo Ricci<sup>15</sup> a Missão da China (ARAÚJO, 2000, p. 33). Estes, acompanhados pelos padres António de Almeida e Duarte de Sande, chegaram à Corte de Pequim depois de uma atribulada viagem e de muitas peripécias.

Recebidos pelos eunucos da corte, a eles entregaram, depois de algumas negociações, bastantes presentes. Entre eles, um cravo. Fernão Guerreiro, na *Relação Anual das coisas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas suas Missões*, tomo I, diz o seguinte:

Feito êste rol, o padre o deu a Macom para o ler, o qual em o vendo começou a mostrar sua baixeza, apertando com o padre acrescentasse mais peças e ajustasse algumas pedras preciosas, de modo que foi necessário mostrar-se o padre algum tanto agravado,

<sup>14</sup> Cujo nome chinês era Qian Deming, RUOSE, in *Dicionário Histórico-bibliográfico S.J.*, vol. 1, p. 155.

<sup>15</sup> Matteo Ricci nasceu em Itália (Macerata) a 6 de Outubro de 1552. Depois de ter permanecido um ano na Universidade de Coimbra, estudando português e Teologia, saiu de Lisboa no dia 24 de Março de 1578 juntamente com outros doze jesuítas, chegando a Goa a 13 de Setembro desse mesmo ano, onde continuou os seus estudos de Teologia. Foi ordenado em Cochim em Julho de 1580. Chegou a Macau a 7 de Agosto de 1582 onde estudou chinês (HARRIS, p. 25).

dizendo êle, sem obrigação alguma nem ser mandado por outrem, levava aquele presente a El-Rei; mas para o satisfazer, lhe mostrou algumas coisas mais, das quais escolheram os mandarins um cravo de tanger, um breviário doirado, guarnecido curiosamente, um theatrum orbis com sete ou oito livros de matemática, o qual tudo levaram ao paço de Macom (...) (pp. 241-242).

E acrescenta:

foram levados à côrte do Pequim e nela pelos eunucos foram aposentados dentro nos mesmos paços reais onde El-Rei morava, e nêles por alguns dias estiveram agasalhados e mui favorecidos dos eunucos, aos quais ensinaram a tanger o cravo e concertar o relógio (p. 146).

Sem dúvida que todos estes presentes constituíam grande novidade, não só para o imperador, como para toda a sua corte. Guerreiro continua deste modo o seu relato:

O relógio pequeno e as demais peças tem El-Rei sempre consigo. O cravo, quando se tange a El-Rei, está posto em um lugar com tanta veneração, que todos os músicos lhe vão cada dia fazer zumbaia como a pagode, e quis El-Rei que os seus eunucos aprendessem mais espécies daquelas que aprenderam no tempo em que os padres estiveram agasalhados nos paços, o que depois se fêz, tornando os padres a êles para poderem mais facilmente tomar as lições (pp. 246-247).

Aliás, o Pe. Mateus Ricci também era músico, e durante a sua estadia na China, escreveu numerosas obras sobre os mais diversos temas, destacando-se, entre elas, um método para a construção de relógios de sol denominado *Gnomica*, um manual que ensinava a fazer e a utilizar os astrolábios e, inclusivamente, um livro sobre música europeia e sobre a construção de cravos.<sup>16</sup> Por outro lado consta que o Pe. Pernon construía

<sup>16</sup> KIRCHER, p. 159, citado por PINOT, p. 22.

cravos e espinetas para o imperador, e que também os afinava, tocando estes instrumentos na sua presença, assim como a flauta. Foi ele que, seguindo as pisadas do Pe. Tomas Pereira, ensinou o imperador a tocar estes instrumentos, e também um pouco de violino.<sup>17</sup> Um outro religioso, o Pe. Parennin, sabia tocar flauta, flautim e trombeta marinha. Por outro lado, o imperador costumava chamar estes dois padres, bem como Ghirardini (que tocava contrabaixo, viola e trombeta marinha), para fazerem música.<sup>18</sup>

Pela sua grande importância, o português Pe. Tomás Pereira desempenhou um papel relevante na Corte de Pequim. Chegou em 1673, falecendo naquela capital do Império em 1708. Na Corte do grande imperador Kang-xi,<sup>19</sup> Du Halde<sup>20</sup> descreve o seguinte:

*En l'année 1679, il fit venir au Palais le Pere Grimaldi & le Pere Pereyra pour toucher une Orgue & un Clavecin qu'ils lui avoient présentez autrefois. Il goûta nos airs d'Europe, & parût y prendre plaisir. Ensuite il ordonna à ses Musiciens de jouer un air de la Chine sur un de leurs instrumens, & il joüa lui-meme avec beaucoup de grace. Le Pere Pereyra prit ses tablettes, & y nota l'air tout entier pendant que les Musiciens le chantoient. Quand ils eurent fini, le Pere le répéta sans manquer à un seul ton, & comme s'il se fut longtems exercé à l'apprendre. L'Empereur eût de la peine à le croire, tant il parût surpris. (DU HALDE, vol. 3, p. 329)<sup>21</sup>*

<sup>17</sup> PINOT, p. 23.

<sup>18</sup> PINOT, p. 23.

<sup>19</sup> O Imperador Kang-xi, que iniciou o seu reinado em 1667, mantendo-se lá até à data da sua morte, ocorrida em 20 de Dezembro de 1722. Estabeleceu com os jesuítas uma relação de excepcional cordialidade, admirando-os e reconhecendo as suas qualidades como cientistas, músicos, etc. Recebeu-os na sua corte e inclusivamente foi aluno deles, nomeadamente de música.

<sup>20</sup> De acordo com BOXER, e cito: «Posso acrescentar que, no século XVIII, alguns dos missionários jesuítas franceses na China se queixavam da forma como o seu editor parisiense, Père Jean Baptiste du Halde (1674-1743), utilizava o material que lhe mandavam, ou ao qual tinha acesso. Entre estes críticos incluía-se o Père Antoine Gaubil (1689-1759), provavelmente o maior sinólogo do século XVIII. Obviamente, era difícil para Du Halde, que nunca estivera na China, avaliar correctamente toda a informação que recebia e edita-la numa forma simultaneamente piedosa e que estimulasse a curiosidade dos seus leitores (...).» (BOXER, 1990b, p. 74)

<sup>21</sup> Ver também, CANHÃO, Joel, *op. cit.*, p. 33.

O imperador Yung-cheng,<sup>22</sup> que subiu ao Trono da China em 1723, não encarava os jesuítas com tão bons olhos como o fizera o seu pai, e estava ainda mais consciente da ameaça que o cristianismo constituía como religião, pelo menos potencialmente para o confucionismo (BOXER, 1981, p. 236). Durante o seu reinado, a permanência dos jesuítas na China tornou-se pois difícil.

Muito se tem falado sobre a «Querela dos Ritos». O Pe. Matteo Ricci estava convencido, de que os ritos não eram de modo nenhum idólatras, havendo diferente opinião por parte da maioria dos frades e missionários espanhóis das Filipinas, dos Dominicanos e dos Franciscanos. O papado acabou por condenar as discutidas cerimónias como idólatras através da constituição *Ex illa die*, publicada em Roma no ano de 1715. No entanto os jesuítas portugueses e os seus colegas italianos defendiam tanto as pretensões do Padroado como a interpretação dos ritos, feitas por Ricci. Além disso, o Padroado português não era reconhecido pelos jesuítas franceses, os quais tinham chegado apenas em 1688, e estavam apoiados por Luís XIV.<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Segundo nos refere Luís Filipe Thomaz, no códice 723 do *Fundo Geral* da Biblioteca Nacional de Lisboa, encontram-se diversos documentos relativos às Missões da China. De entre eles (...) uma carta do Imperador da China ao Papa, participando a morte de seu pai e agradecendo os presentes que lhe enviara o Papa (...). Os memoriais dos mandarins não se podem datar. Durante o pontificado de Bento XIII (1724-1730) não morreu nenhum imperador da China; morrera um em 1722, King-hi, 3º Imperador da dinastia Tao-Thsing ou manchu. A este sucedeu seu filho Yung-Tching que reinou até 1735. Deve ser este quem, ao subir ao trono, participa ao Papa a morte do antecessor; dada a lentidão das comunicações e dado ainda que o Imperador não deve ter escrito logo após a morte do pai, não admira que a sua mensagem tenha já encontrado no sólio pontifício Bento XIII, que ascendeu à cátedra de S. Pedro em 29 de Maio de 1724 (THOMAZ, pp. 283-284). E acrescenta a cronologia dos Imperadores da Dinastia Manchu ou Tao-Thsing (17ª dinastia): Tai-tsin (1616-1644), Chun-tchi (1644-1662), King-hi (1662-1722), Yung-tching (1722-1735), Kien-long (1735-1796) e Kian-king (1796-1820) (THOMAZ, p. 285).

<sup>23</sup> «Os Jesuítas (...) avançaram em Pequim com uma iniciativa inusitada. Se a discussão travada em Roma assentava assim sobre essa questão de facto de saber do carácter religioso ou político dos Ritos (permitindo dilucidar, respectivamente, a questão da sua natureza supersticiosa ou puramente civil) chegara o momento de os Padres da Corte mobilizarem o considerável crédito de que gozavam junto do Imperador Kangxi, procurando que o monarca, oficialmente o primeiro literato e supremo legislador da China, se pronunciasse categoricamente sobre a natureza desses Ritos (...). Lavada ao Imperador em 30 de Novembro de 1700 uma exposição sobre as honras prestadas a Confúcio e aos antepassados, que os Jesuítas apresentavam ao juízo de Kangxi entendidas como puramente civis e políticas, Kangxi, de facto, não só as aprovou na íntegra, como solenizou essa provação por um decreto publicado em todo o Império. Conhecidos pelo título conjunto de *Declaratio rituum*, seria publicado em Pequim, em latim e em chinês e levada para Roma, tornando-se célebre sob o título de *Brevis Relatio eorum quae spectant ad declarationem Sinarum Imperatoris Kam Hi circa Caeli, Cumfucit et avorum cultum, datam anno 1700*. Contra a expectativa da Companhia de Jesus, o testemunho de Kangxi sobre os Ritos acabou por agravar consideravelmente a questão», in António VASCONCELOS DE SALDANHA, *Convento da Arrábida*, 2002.

Mais tarde, a promulgação da constituição papal *Ex quo singulari* de 1742, obrigou todos os missionários a fazerem um juramento no sentido de que não tolerariam a prática dos ritos sob qualquer feitio ou forma, nem sob qualquer pretexto (BOXER, 1981, p. 233).

Foi a seguir a estes acontecimentos, poucos anos depois, que temos notícias da chegada a Pequim do jesuíta francês, Pe. Joseph Marie Amiot, S.J.,<sup>24</sup> missionário, astrónomo e compositor. O Pe. Amiot entrou na capital do Império Chinês no dia 22 de Agosto de 1751 (ver carta do Pe. Amiot, escrita em Pequim do dia 20 de Outubro de 1752 ao Pe. Allart, em anexo), permanecendo lá até à sua morte em 1793.

Em 1776 enviou a sua *Mémoire de la musique des chinois tant anciens que modernes*, que foi publicada pelo l'Abbé Roussier em 1779.<sup>25</sup>

<sup>24</sup> Joseph Marie AMIOT, nascido em Toulon (França) no dia 8 Fevereiro 1718, admitido como noviço no dia 27 de Setembro de 1737, partiu para a China em 1740. Cedo ganhou a estima e confiança do imperador Kien-Long, e aprendeu o chinês e o tartaro falado pelo imperador. O Pe. Amiot tinha bons conhecimentos de Física e de Matemática e talento para a música, um espírito justo, uma memória grande e uma infatigável vontade de trabalhar. Morreu na noite do 8 para o 9 de Outubro de 1793 em Pequim. Escreveu *Mémoire sur la musique des chinois, tant anciens que modernes* (SOMMERVOGEL, S.J., p. 2).

Obras: *De la musique moderne des Chinois* (MS, F-Pn Res.Vmb 14); *Divertissements chinois, ou Concerts de musique chinoise, les notes chinoises mises sur des lignes à notre manière* (MS, 1779, Pn chinóis Bréquigny 14); *Mémoire sur la musique des Chinois, tant anciens que modernes* (MS, Pn), P. J. Roussier (ed.), Paris, 1779/R; *Concernant la fabrication d'un instrument de musique 'yun-lo', vulgairement appelé 'tam-tam'* (letter of 1786 to Bertin, ed. F.J. FÉTIS, *Revue musicale*, I, 1827, p. 365. Porém, a maior parte da sua obra está ainda por publicar, cf. F. LIEBERMAN, «Amiot», in *Grove*, 2001, vol. 1.

Para além de músico era também astrónomo e historiador. Em 1754 começou a colaborar com ele um jovem chinês a quem Amiot iniciou nos métodos científicos europeus. Fruto desta colaboração, que durou uns trinta anos, foram numerosos os manuscritos e publicações de Amiot, informando a Academia de Ciências de Paris, e em especial a Henri Bertin, ministro de Estado, sobre o passado e o presente da China. Ocupava-se normalmente de redactar os boletins astronómicos do observatório de Pequim, e preparou várias experiências sobre magnetismo. Residindo com Antoine Gaubil e Michel Benoist, julgava que o seu trabalho na corte poderia melhorar a posição do cristianismo. Quando a CJ foi extinta em França em 1764 escreveu a Bertin, pedindo a ajuda do rei aos jesuítas franceses na China, e ao ser extinta a ordem por Clemente XIV em 1773, solicitou que as missões estrangeiras de Paris ficassem encarregues das suas obras e bens na China, vindo a ser aceite o pedido pelos Lazaristas. Escreveu entre outros, um dicionário manchú-francês. Quando soube da execução de Luis XVI, ficou muito impressionado e morreu naquela mesma noite, in J. W. WITEK, «Amiot», in *Diccionario Histórico de la Compañia de Jesús*, I, p. 155.

<sup>25</sup> F. LIEBERMAN, *op. cit.*, considera e cito: «The *Mémoire sur la musique des Chinois*, was edited for publication by Abbé Pierre Joseph Roussier, a theorist specializing in ancient and foreign music; however, Roussier added lengthy, pedantic notes of little value while deleting many plates, all Chinese characters, and significant portions of the text, thus obscuring the original and impairing its value for future scholars. Other important manuscripts remain unpublished, including a study of contemporary Chinese music practise and a notebook containing 54 tunes transcribed into staff notation.

Escreveu também este missionário os *Divertissements chinois ou Concerts de musique chinoise* (em duas vezes três cadernos, que ele enviou acompanhado de um quarto caderno de *musique Sacrée* ao Senhor Bignon, bibliotecário do rei. Trata-se de música com notação à chinesa transcritas de acordo com uma notação mista. Ao todo, 41 peças.

Este trabalho do Pe. Amiot é o primeiro que se conhece sobre música chinesa, escrito por um europeu, que se apoiou fundamentalmente numa compilação feita por determinação do Imperador Kang-xi<sup>26</sup> (AMARO, p. 6-7).

Começa com uma introdução ou *Discours Préliminaire*, seguida do catálogo das obras que serviu para a redacção deste trabalho – bibliografia de base, bem como de uma advertência aos leitores relativamente às gravuras contidas na obra e da sua explicação.

Depois desta longa introdução, ao todo com 26 páginas, seguem as três partes da obra.<sup>27</sup>

<sup>26</sup> «As relações com a dinastia Ming não podiam ser melhores, ao menos num início. Refere Ljunstedt o seguinte: Politicamente, tendo a dinastia Ming permitido que os portugueses se estabelecessem em Macau, a vassalagem começou desde então, (...). O governo de Macau, como o da Coreia, Cochinchina, Sião, Malaca, etc., renovava, em períodos determinados, a obediência devida ao seu supremo senhor, mandando um enviado, como sinal de submissão e um tributo. (...). Tendo os portugueses de Macau, em 1651, reconhecido a supremacia da família Ta-tsing actualmente reinante, aprovou a Shan-che, primeiro soberano manchú da China, perdoar por três anos a renda do terreno, que era então, parece, mil taeis, igual, creio, à terça parte do tributo tri anual. O seu filho Kang-he, o teo-filósofo, exigiu desde 1691 apenas 600 taeis; uma quantia à qual o reconhecido pagamento anual de 500 taeis por vários pagamentos adicionais é ainda angariado (...). Em 1720, o Imperador Kang-he teve um filho, e este acontecimento foi celebrado em Macau. Dois anos depois o imperador morreu, e tendo sido o Senado informado desta triste notícia pelo Mandarin de Heang-shan, deu ordens para que os fortes e os navios surtos no porto dessem tiros 24 horas, e que os funcionários civis e militares trouxessem luto durante três meses.» Ver também nota nº 12 neste trabalho.

Continua Ljungstedt, dizendo: «Quando Yung-shing subiu ao trono, repicaram os sinos e houve salvas de artilharia; na sua morte (1735) os habitantes trouxeram luto por 27 dias; a fortaleza do Monte fêz um tiro em cada hora durante 24 horas, e depois deu uma salva real (...).» (LJUNSTEDT, pp. 101-103)

<sup>27</sup> A Primeira Parte tem 9 secções (ou artigos): 1. Do som em geral; 2. Do som da pele; 3. Do som da pedra; 4. Do som do metal; 5. Do som do barro cozido; 6. Do som da seda; 7. Do som da madeira; 8. Do som do bambú; 9. Do som da Abóbora. Uma Segunda Parte, da página 85 à p. 156, dedicadas aos *Lu*, divididas em secções: 1. Dos *Lu* em geral; 2. Dos *Lu* em particular; 3. Da dimensão dos *Lu*; 4. Da formação do sistema musical dos chineses; 5. Das gerações de *Lu*; 6. Da circulação do som fundamental; 7. Constituição dos *Lu* através dos dois Koa Kien e Kouen. 8. Constituição dos *Lu* através dos quatro Koa Kien e Kouen, Ki-ki e Ouei-ki; 9. Constituição dos *Lu* por meio das linhas dos «hexagrammes» que compõem doze Koa; 10. Formação dos *Lu* pelos números; 11. Formação dos *Lu* pelos números, à moda dos antigos chineses, a partir de Hoang-ty até aos Han; 12. Dimensões dos *Lu*, calculados de forma mais rigorosa pelos chineses modernos; 13. Modo de experimentar os *Lu*. Uma Terceira Parte e última com secções, da página 157 à página 172: 1. O que é que os chineses entendem por tom; 2. Dos sete princípios; 3. Se os Chineses conhecem, ou conheceram antigamente, aquilo que nos chamamos Contraponto;

A primeira coisa que todo o missionário jesuíta fazia, ao ir para a China, era estudar a língua e preparar-se o melhor que podia, sobretudo no campo das Ciências. Todos os conhecimentos seriam de grande utilidade para se fazerem ouvir e, desse modo, transmitir a sua religião. Na introdução de *Discours Préliminaire*, Amiot começa referindo que, e cito:

*Le premier de mes soins, en arrivant à la Chine, fut d'étudier la langue & les mœurs de ceux qui l'habitent, afin de pouvoir leur annoncer, avec quelque espérance de succès, les vérités de notre sainte Religion. Sachant que de tout les moyens qu'on peut employer pour s'en faire écouter, les Sciences & les Arts sont les plus efficaces, sur-tout dans la Capitale & à la Cour, où je me rendis par ordre de mes Supérieurs; je crus que je ne devois négliger aucune des avances que je pouvois avoir dans plusieurs parties des Mathématiques, dans celles sur-tout qui font le plus au goût des Chinois.* (AMIOT, pp. 1-2)

Para além disso, tinha alguns conhecimentos de música quando lá chegou, os quais foi melhorando e aperfeiçoando. Segue pois na sua introdução dizendo:

*Je savois passablement la Musique, je jouois de la flûte traversiere & du clavecin; j'employai tout ces petits talens pour me faire accueillir.* (AMIOT, p. 2)

Na corte, o Pe. Amiot tocava música, esforçando-se em fazer ouvir peças de compositores europeus, tais como sonatas e árias melódicas e brilhantes. E relata que, no entanto, nada causava impressão aos seus ouvintes chineses, os quais apenas manifestavam nas suas fisionomias, um ar frio e distante, prova de que as músicas não eram do seu agrado. E continua:

4. Modo como os Antigos afinavam o Kin com cinco ou com sete cordas. Encerra com Conclusões nas páginas 172 a 175. Segue um anexo à secção III da terceira parte, que contem um Hino Chinês, em memória dos antepassados, com a sua tradução (pp. 176 a 185). Continua com Observações acerca de alguns assuntos quanto à Doutrina dos Chineses (ao todo, quatro observações). Em continuação, a explicação das imagens contidas na obra (pp. 186 a 238). Segue um Aviso acerca da análise química da pedra negra dos King chineses. A seguir aparece o Índice da obra (pp. 241-242), seguido de um Índice de matérias (pp. 243-254). E finalmente, na última página as «erratas».

*Je leur demandai un jour comment ils trouvoient notre Musique, & les priai de me dire naturellement ce qu'ils en pensoient. Ils me répondirent le plus poliment qu'il leur fut possible, que Nos airs n'étant point faits pour leurs oreilles, ni leurs oreilles pour nos airs, il n'étoit pas surprenant qu'ils n'en sentissent pas les beautés, comme ils sentoient celles des leurs. Les airs de notre Musique, ajouta un Docteur, du nombre de ceux qu'on appelle Han-lin, & qui étoit pour lors de service auprès de Sa Majesté, les airs de notre Musique passent de l'oreille jusqu'au coeur, & du coeur jusqu'à l'ame. Nous les sentons, nous les comprenons: ceux que vous venez de jouer de sont pas pour nous cet effet. Les airs de notre ancienne Musique étoient bien autre chose encore, il suffisoit de les entendre pour être ravi. Tous nos Livres en font un éloge des plus pompeux; mais ils nous apprennent en même tems que nous avons beaucoup perdu de l'excellente méthode qu'employoient nos Anciens pour opérer de si merveilleux effets, &c. (AMOT, pp. 2-3)*

Sem dúvida que isto despertou no Pe. Amiot uma grande curiosidade de conhecer a fundo a música dos chineses, levando-o a trabalhar intensamente no assunto.

O Pe. Gaubil,<sup>28</sup> também músico, incentivou o Pe. Amiot a meter mãos à obra, e comprometeu-se a lhe fornecer tudo o que estivesse ao seu alcance nesta matéria.

Por seu turno, o Pe. Amiot pediu a alguns letrados, que conhecia, um catálogo dos livros nos quais pudesse adquirir os conhecimentos de que necessitava, após o que analisou alguns com a ajuda do seu professor de língua. Mas como esse professor, apesar de ser muito sabedor quanto à língua, não fazia nenhuma ideia no que se referia à música, manifestando algum embaraço quando lhe eram colocadas perguntas, o Pe. Amiot não teve mais remédio senão continuar a ler e a meditar acerca do que lia.

Não foi necessário muito tempo para se aperceber de que, desde tempos imemoriais, a música tinha sido cultivada na China, e que tinha

<sup>28</sup> O Pe. Gaubil, para além de músico era também astrónomo. Faz um curioso comentário em carta dirigida ao Pe. Souciet, em 23 de Outubro de 1731, queixando-se da falta de tempo para realizar observações astronómicas, uma vez que as suas funções como músico da orquestra do imperador o absorviam totalmente: «*Nous n'avons pas ici d'observatoire et toutes les fois qu'il faut observer, c'est un opéra, on est obligé de manquer bien des observations*», in PINOT, p. 23, pé de página.



sido um dos principais objectos de atenção de Magistrados e de Soberanos. Que elevada a Música à Ciência, a partir do início da Monarquia, tinha desempenhado nos antigos chineses uma dupla função, a de poder agradar ao sentimento através das diferentes sensações e, ao mesmo tempo, a de fazer as delícias do espírito pela evidência das demonstrações deduzidas de princípios que podiam ser verdades incontestáveis (AMiot, p. 4).

Sem dúvida que não foi tarefa fácil a do Pe. Amiot, tendo optado, em primeiro lugar, por traduzir uma obra do Ministro do Estado e membro do primeiro «Tribunal de Lettrés», *Ly-koang-ty*, intitulada: *Kou-yo-king-tchouen*, o que significa: *Comentário acerca do Livro Clássico respeitante à Música dos Antigos*.<sup>29</sup>

Escolheu esta obra por lhe parecer ser de todas a mais completa. Quando terminou a tradução, enviou-a ao Pe. De Latour, procurador da missão francesa da China, com a promessa de lhe enviar, todos os anos seguintes, tantos suplementos como os necessários, pedindo-lhe então também para fazer chegar o manuscrito às mãos de M. de Bougainville, ao tempo secretário da «Academie des Inscriptions & Belles-Lettres». Porém, por razões várias, as comunicações foram interrompidas, não se sabendo onde foram parar os referidos manuscritos.

Em 1774, M. Bignon, bibliotecário do rei, enviou ao Pe. Amiot um livro que ele tinha pedido a seu pai. Juntava a esse envio um outro livro, que ele não tinha pedido, mas que M. Bignon considerava que lhe poderia

<sup>29</sup> Além do Tribunal Supremo, relata o Pe. Gabriel de Magalhães, há ainda onze grandes tribunais, pelos quais os reis da China, 2000 anos antes da vinda de Jesus-Cristo, repartiam todos os negócios do Império e que subsistem ainda, presentemente a saber: seis de mandarins de letras que chamam «Lò Pù, e cinco de mandarins d'armas, que se chamam Û Fù, dos quais falaremos mais depois. O primeiro dos seis tribunais de gente de letras, que chama Li Pù, cuida de todos os mandarins do império, podendo conceder-lhes ou tirar-lhes os cargos. O segundo, o Hu Pù, tem a superintendência das contribuições e das finanças reais. O terceiro, Li Pù, tem a direcção dos ritos ou das cerimónias. O quarto, Pim Pù, cuida das armas, capitães e soldados de todo império. O quinto, Him Pù, julga os crimes e punições de todos os criminosos do reino. O sexto, Cum Pù, tem a superintendência das obras e das construções do rei. » (MAGALHÃES, pp. 187-188). «O terceiro Supremo Tribunal, chamado Li Pù, tem a superintendência dos ritos, das cerimónias, das ciências e das artes. Cuida da música real, do exame dos estudantes, de autorizar a sua admissão nos exames dos letrados, de dar as suas informações sobre os títulos e honrarias com que o rei pretende galaardar aqueles que os mereçam; dos templos e dos sacrificios que o rei faz ao Céu, à Terra, ao Sol, à Lua e aos antepassados; dos banquetes que o imperador oferece aos seus súbditos ou aos estrangeiros; de receber, regalar e despedir os hóspedes do rei e os embaixadores; de todas as artes liberais e mecânicas; e, enfim, das três leis ou religiões seguidas neste império, (...)» (MAGALHÃES, pp. 192-193).

ser útil. Era a *Mémoire de M. l'Abbé Roussier, sur la Musique des Anciens*.<sup>30</sup>

Em anotação, Roussier refere que, segundo a obra referida, desde tempos imemoriais os chineses já conheciam a divisão da oitava em doze semitons, que eles chamavam os doze *Lu*,<sup>31</sup> distinguindo-os em duas classes: por um lado os perfeitos ou *yang-lu*, por outro os imperfeitos ou *yu-lu*:

*En réunissant les lambeaux épars des archives du monde, ceux sur-tout des plus anciennes archives qui existent aujourd'hui sur la terre parmi les nations qui l'habitent, il eût découvert qu'avant Pythagore, qu'avant l'établissement des Prêtres d'Egypte, qu'avant Mercure lui-même, on connoissoit en Chine la division de l'octave en douze demi-tons, qu'on appelloit les douze Lu; que ces douze Lu, distribués en deux classes, y étoient distingués en parfaits & en imparfaits, sous les noms d'yang-lu & d'yn-lu. (AMIOT, pp. 6-7)*

Contudo, a anotação continua dizendo que o Abbé Roussier terá encontrado a razão pela qual os chineses, desde tempos muito antigos, teriam apenas utilizado cinco sons: o *koung* (fá), o *chang* (sol), o *kio* (lá), o *tché* (dó) e o *yu* (re):

<sup>30</sup> E o Pe. Amiot acrescenta: «Cet ouvrage, l'un des meilleurs & des plus solides, à mon avis, qu'on puisse faire en ce genre, m'a éclairé sur une foule d'objets, même chinois, que je ne faisois qu'entrevoir auparavant, & que je n'entrevois qu'à travers les plus épais nuages. Il me sembloit, en lisant, que j'étois devenu l'un des disciples du fameux Pythagore, ou l'un des initiés dans le College des Prêtres d'Egypte. Quel dommage, disois-je en moi-même, que M. l'Abbé Roussier n'ait pas pu fouiller dans les antiquités des Chinois, comme il l'a fait dans celles des Egyptiens & Grecs! En remontant jusqu'à la source primitive d'un système s'appuie; en développant les principes sur lesquels ce système s'appuie.» (AMIOT, p. 6)

<sup>31</sup> Veiga Jardim, na sua obra *Instrumentos musicais chineses*, refere: «no ano de 2697 a.C., o emperador Huangti enviou um dos seus ministros, Ling Lun, para um lugar chamado Ta-siá, a oeste da cadeia de montanhas Kuênluen (situadas no planalto tibetano), Olimpo da China e suposta fonte do fâng-shuéi, para que lá cortasse tubos de bambú e com estes pudesse estabelecer as notas fundamentais da música. (...) Ling Lun cortou um pedaço de bambú que ficava entre dois nós e passou a considerar o som emitido por este tubo como sendo o som fundamental; organizou uma série de doze tubos, de acordo com as ideias do seu senhor, os quais receberam o nome de Iūs (leis, princípios, diapasão) e que reproduziam os doze sons que constituíam uma espécie de escala cromática» (JARDIM, p. 7).

*Poussant ses découvertes plus loin, M. l'Abbé Roussier eût trouvé sans doute les véritables raisons qui on engagé les Chinois de la plus haute antiquité, à ne faire mention dans leurs échelles musicale que des cinq tons kOUNG, chang, kio, tché, yu, qui répondent à fa, sol, la ut, re, tandis qu'ils avoient dans ce qu'ils appelloient le pien-kOUNG, répondant à notre mi, & les prétendues lacunes, qui paroissent, au premier coup d'oeil, attendre elur système toujours quelques nouveaux sons. (AMIOT, p. 7)*

A relação entre os planetas e a música, entre os sons e os signos do zodíaco, entre as vinte e quatro horas do dia, os sete dias da semana, é uma constante e sempre actual, também é referido nesta obra como tendo a sua origem na China:

*Il se seroit peut-être convaincu par lui-même, que les rapports que les Egyptiens ont assignés entre les sons de la Musique & les planetes, entre les mêmes sons & les douze signes du zodiaque, les vingt-quatre heures du jour, les sept jours de la semaine, & autres objets, ne sont qu'une copie informe de ce qui avoit été fait par les Chinois, bien des siècles avant que les Egyptiens eussent une division du zodiaque en douze signes, avant qu'ils eussent les noms Sabaoth, de Saturne, & tous les autres noms qui pouvoient désigner les differens objets de ces rapports. (AMIOT, pp. 7-8)*

E ainda, para saber se um reino está a ser bem governado, bastará observar a sua música, pois só a boa música permite que os Espíritos Superiores desçam do céu para a terra, podendo ela também evocar a memória dos antepassados, e inspirar aos homens o amor pelas virtudes, fazendo-os pôr em prática os seus deveres. O Pe. Amiot acrescenta:

*L'ancienne Musique, disent les plus distingués d'entre les Auteurs Chinois, de tous les âges, pouvoit faire descendre du ciel sur la terre les Esprits supérieurs; elle pouvoit evoker les ombres des Ancêtres, & elle inspiroit aux hommes l'amour de la vertu, & les portoit à la pratique de leurs devoirs, &c.*

*Veut-on savoir, disent encore les mêmes Auteurs, si un Royaume est bien gouverné, si les moeurs de ceux qui l'habitent sont bonnes ou mauvaises? Qu'on examine la Musique qui y a cours. (AMIOT, p. 10)*

Termina esta introdução o Pe. Amiot, dizendo que envia dois exemplares escritos, ambos pela sua própria mão, um a M. Bignon, para a Biblioteca do Rei, e o outro a M. Bertin, Ministro e Secretário de Estado, protector da Literatura chinesa. A cada exemplar anexa dois cadernos de gravuras, um escrito com caracteres chineses, o outro em francês.

Sem dúvida que se trata de uma obra fundamental no estudo das missões dos jesuítas na China e do magnífico trabalho desenvolvido por aqueles missionários, nomeadamente no campo artístico e da divulgação da música chinesa. O seu estudo será completado em futuros artigos.

### Bibliografia

- AALST, J. A. van (1933), *Chinese Music*, CHINA, Imperial Maritime Customs.
- ABREU, António Graça de (1997), «Os bens dos últimos jesuítas portugueses em Pequim», in *A Companhia de Jesus e a Missão no Oriente*, Actas de Colóquio Internacional, Lisboa, pp. 225-234.
- AMARO, Ana Maria / COUCEIRO, Rita Melancia (1991), *Instrumentos musicais chineses ontem e hoje*, Catálogo de exposição, Lisboa, Missão de Macau em Lisboa.
- AMIOT, J. M. (1973), *Mémoire sur la musique des chinois* (1779), (ed. fac.), Genève, Minkoff.
- ARAÚJO, Horácio Peixoto de (1998), *Cartas Anuais da China. António de Gouvea*, edição, introdução e notas de H. P. de Araújo.
- ARAÚJO, Horácio Peixoto de (2000), *Os Jesuítas no Império da China. O Primeiro século (1582-1680)*, Lisboa, Instituto Português do Oriente.

- BAPTISTA, António (1993), «Jesuítas portugueses na China: José Soares e Tomás Pereira», *Macau*, Dezembro 1993, pp. 32-53.
- BONTINCK, François (1962), *La lutte autour de la liturgie chinoise aux XVIIe et XVIIIe siècles*, Louvain.
- BOSMANS, H., S.J. (1913), *Les écrits chinois de Verbiest*, Louvain, Imprimerie François Ceuterick.
- BOXER, Charles R. (1981): *O Império Colonial Português (1415-1825)*, Lisboa, Edições 70.
- BOXER, Charles R. (1990 a), *Fidalgos no Extremo Oriente 1550-1770*, Macau, Fundação Oriente e Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau.
- BOXER, Charles R. (1990 b), *A Igreja e a Expansão Ibérica (1440-1770)*, Lisboa, Edições 70.
- CANHÃO, Joel (1988), «Um músico português do século XVII na Corte de Pequim: O Padre Tomás Pereira», *Revista de Cultura do Instituto Cultural de Macao*, 4, pp. 27-39.
- CARMO, António (1994), *A longa marcha das Religiões na China*, Macau, Colecção Asianostra nº1, Fundação Macau.
- CARMO, António (1997), *A Igreja Católica na China e em Macau no contexto do Sudeste Asiático. Que futuro?*, Macau, Fundação de Macau, ICM, IPO.
- Catalogue de la Bibliothèque du Pé-T'ang*, Pékin, Mission catholique des Lazaristes à Pékin, Imprimerie des Lazaristes (1949).
- COSTA, João Paulo Oliveira e (1999), *Cartas Anuais do Colégio de Macau (1594-1627)*, Macau, CTMCDP e Fundação Macau.

- COUCEIRO, Gonçalo (1997), *A Igreja de S. Paulo de Macau*, Lisboa, Livros Horizonte.
- CULLEY, Thomas D., S.J. (1970), *Jesuits and Music: I, A Study of the Musicians connected with the German College in Rome during the 17th Century and of their Activities in Northern Europe*, Rome, Jesuit Historical Institute.
- DEHERGNE, Joseph (1973), *Répertoire des Jésuites de Chine de 1552 à 1800*, Roma, Institutum Historicum S.I.
- DEHERGNE, Joseph (1980), *Les Lettres Annuelles des Missions Jésuites de Chine au temps des Min (1581-1644)*, vol. 49, Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, 1980.
- DEHERGNE, Joseph (1982), *Lettres Annuelles et Sources Complémentaires des Missions Jésuites de Chine* (suite), vol. 51, Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu.
- D'ELIA, Pasquale, S.J., (1934), *Les Missions Catholiques en Chine*, Shanghai.
- D'ELIA, Pasquale, (1942-1949), *Fonti Ricciane Storia dell'Introduzione del Cristianesimo in Cina*, 3 vols., Roma.
- Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*, bibliográfico-temático (2001), Charles E. O'Neill, S.J. / Joaquín Ma Domínguez, S.J., 4 vols., Roma, Madrid, Institutum Historicum S.I. e Universidad Pontificia Comillas.
- DODERER, Gerhard (1991), «A Música Portuguesa na Época dos Descobrimentos», *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 36, pp. 343-354.
- DODERER, Gerhard (1998), «Orgão e Carrilhão nas relações Luso-Chinesas: aspectos de um percurso histórico», in *Cadernos Históricos*, Lagos, Comissão Municipal dos Descobrimentos, vol. 9, pp. 95-120.

- DUTEIL, Jean-Pierre (1994), *Le Mandat du Ciel. Le rôle des jésuites en Chine*, Paris, Éditions Arguments.
- FROIS, Luís de, S.J., (1993), *Tratado dos Embaixadores Japões (1590)*, introdução, notas, selecção e modernização de texto de Rui Loureiro, GTMECDP, Lisboa.
- GERNET, Jacques (1970), *A China Antiga*, Trad. J. Feio, Lisboa, Arcádia.
- GUILLÉN-NUÑEZ, Cesar (1987), «Thomas Pereira, S.J., and the Eclipse of the Portuguese Padroado», in *Portuguese Asia, Aspects in History and Economic History (sixteenth and seventeenth centuries)*, Stuttgart, Roderich Ptak (ed.), Stuttg. Steiner Verlag Wiesbaden GMBH, pp. 157-176.
- GUERRA, Joaquim A. de Jesús (1968), «A organização eclesiástica de Macau», *Colóquios sobre as Províncias do Oriente*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar CEPS, Estudos de Ciências Políticas e Sociais, nº 80, vol. 1, pp. 71-138.
- GUERREIRO, Fernão (1930-1942), *Relação Anual das Coisas que fizeram os Padres da Companhia de Jesús nas suas missões*, Artur Viegas (ed.), 3 vols., Coimbra.
- GUILLOT, Pierre, (1991), *Les Jésuites et la Musique. Le Collège de la Trinité à Lyon (1565-1762)*, Liège, Mardaga.
- HALDE, J. B. du (1736), *Description Géographique, historique, chronologique, politique, et physyque de l'empire de Chine et de la Tartarie chinoise*. 4 vols., Haya, Henri Scheurlen.
- HARRIS, George L. (1966), «The Mission of Matteo Ricci, S. J. : A Case Study of an Effort at Guided Culture Change in China in The Sixteenth Century», in *Monumenta Serica*, vol. 25, pp. 1-168.

HÜSCHEN, Heinrich (1958), «Jesuiten», in *Die Musik in Geschichte und Gegenwart*, Kassel, Bärenreiter, VII, col. 17-41.

JANN, Pe. Adelhelun (1915), *Die Katholischen Missionen in India, China und Japan*, Paderborn.

JARDIM, Oswaldo Veiga (1998), *Instrumentos Musicais Chineses*, Macau, Correio e Telecomunicações de Macau.

KIRCHER, A. (1670), *La Chine Illustrée*. Amsterdam.

*Lettres édifiantes e curieuses écrites des missions étrangères par quelques missionnaires de la Compagnie de Jésus* (1717) (I Recueil), Paris, Chez Nicolas le Clerc.

*Lettres Édifiantes et curieuses de Chine par des missionnaires jésuites 1702-1776*, Chronologie, introduction, notices et notes par Isabelle et Jean-Louis Vissière, de l'Université de Provence, Garnier-Flammarion, 1979.

*Lettres Édifiantes et curieuses des jésuites de Chine (1702-1776)*, Choiesies et présentées par Isabelle et Jean-Louis Vissière, Pris, Desjonquères, 2001.

LJUNGSTEDT, Anders (1999), *Um esboço Histórico dos Estabelecimentos dos Portugueses e da Igreja Católica Romana e das Missões na China*, Macau, Leal Senado de Macau.

LOPEZ-GAY, Jesús, S.I. (1970), «La Liturgia en la Misión del Japón del siglo XVI», in *Studia Missionalia*, Facultate Missiológica in Pont. Universitate Gregoriana, Roma, pp. 155-195.

LOUREIRO, Rui Manuel (1992), «A Visão da China nas Cartas dos Cativos de Cantão (1534-1536)», in *Estudos Orientais* III. Lisboa, Instituto Oriental, pp. 279-295.



- LOUREIRO, Rui Manuel (2000), *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no século XVI*, Fundação Oriente.
- LOUREIRO, Rui Manuel / GARCIA, José Manuel (1994), «Os Jesuítas e a China», in *Ruínas de S. Paulo. Um Monumento para o Futuro*, Catálogo de Exposição, Macau/Lisboa, Instituto Cultural de Macau/Missão de Macau em Lisboa, pp. 21-35.
- MACLAGAN, Edward (1946), *Os Jesuítas e o Grão Mogol*, Lisboa, Livraria Civilização Editora.
- MAGALHÃES, Gabriel de, S.J. (1997), *Nova Relação da China*, (1668), trad. Luís Gonzaga Gomes, Fundação Macau/Dir. Serv. Educ. Juventude.
- MALATESTA, Edward J., S.J. e ZHIYU, Gao (1995), *Departed, Yet Present Zhalan. The Oldest Christian Cemetery in Beijing*, Macau, Instituto Cultural de Macau e Ricci Institute, University of San Francisco.
- MARGIOTTI, Fortunato, O.F.M (1958), *Il cattolismo nello Shansi dalle origini al 1738*, Roma, Sinica Franciscana.
- MENSAERT, Georges, O.F.M.(1958), «Les franciscains au service de la Propaganda dans la Province de Pékin, 1705-1785», Firenze, in *Archivum Franciscanum Historicum*, An. 51, pp. 161-311.
- MONTENEGRO, A. (1974), *Historia de la China Antigua*. Madrid, Istmo.
- O'NEILL, Charles E., S.J. / DOMINGUEZ, Joaquín Ma, S.J., (2001), *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús. Biográfico-Temático*, 4 vols., Roma, Madris, Institutum Historicum S.I. e Univ. Pontificia de Comillas.
- PIMPANEAU, Jacques (1990), *Chine, culture et tradition*, Éditions Philippe Picquier, Paris.

- PEREIRA, J. F. Marques (1995), *TA-SSI-YANG-KUO, Arquivos e Anais do Extremo Oriente Português*, Série I, Macau, DSEJ/FM, vols. I-II.
- PINOT, Virgile (1971), *La Chine et la formation de l'esprit philosophique en France (1640-1740)*, Genève, Slakine Reprints.
- PFISTER, Pe. Louis (1932), *Notices Biographiques et Bibliographiques sur les Jésuites de l'Ancienne Mission de Chine, 1552-1773*, 2 vols. Chang-Hai, Imprimerie de la Mission Catholique.
- PICARD, François (1959), *Liturgie et musique*, Paris, Cerf.
- Ratio Studiorum Superiorum Societatis Iesu. Mandato Congregationis Generalis XXVIII exarata, ad usum nostrum tantum*, Roma, Apud Curiam Praepositi Generalis, 1941.
- Ratio Studiorum. Plan raisonné et institution des études dans la Compagnie de Jésus*, présentée par A. Demoustier et D. Julia, traduite par L. Albrieux et D. Pralon-Julia, annotée et commentée par M. Compère, Paris, Belin, 1997.
- REGO, António da Silva (1940), *O Padroado Português do Oriente. Esboço Histórico*, Lisboa, Agência Geral das Colónias.
- REGO, António da Silva (1956), *Curso de Missionologia*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar.
- REGO, António da Silva (1978), *O Padroado Português no Oriente e a sua Historiografia (1838-1950)*, Lisboa, Academia Portuguesa de História.
- REGO, José de Carvalho e (1964), «Um dos maiores Missionários da China – Padre Tomás Pereira, S.J.», *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, vol. 62, nº 726, Dezembro 1964, pp. 999-1002.

- RICCI, S.J., Matteo (1911-1913), *Opere Storiche*, vol. 1: *I commentari della Cina*, vol. 2: *Le lettere dalla Cina*, Mezerara.
- RODRIGUES, Francisco (1990), *Jesuítas Portugueses Astrónomos na China 1583-1805*, Macau, Instituto Cultural de Macau.
- ROWBOTHAM, Arnold H. (1942), *Missionary and Mandarin. The Jesuits at the Court of China*, Los Angeles, University of California Press.
- SALDANHA, António Vasconcelos de (2002), «A dimensão da Questão dos Ritos Chineses em Portugal e o seu reflexo nas relações com a China», Convento da Arrábida.
- SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos (1964), «Portugueses na China», *Brotéria*, vol. 79, nº1, Julho, 1964.
- SCHURHAMMER, Georg (1963), «Die Schätze der Jesuitenarchive in Makao und Peking», Roma, *Orientalia*, Institutum Historicum Societatis Iesu, pp. 1-6.
- SEBBES, Joseph, S.J. (1999), *O Diário do Padre Tomás Pereira, S.J., Os Jesuítas e o Tratado Sino-Russo de Nerchinsk (1689)*, Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Instituto Cultural de Macau.
- SERVIÈRE, J. de la (1924), *Les Anciennes Missions de la Compagnie de Jésus en Chine (1552-1814)*, Chang-Hai, Imprimerie de la Mission.
- Sinica Franciscana. Relationes et Epistolae Fratrum Minorum Saeculi XVII*, vol. 3, Quarachi-Firenze, Ad Claras Aquas, 1936.
- SLAVICEK, Karel (1995), *Listy z Číny do vlasti a Jiná Korespondence S Evropskými Hvězdami (1716-1735)*, Praga: Preface, translation, chronology, sources and notes, Josef Vrátil and Josef Kolmas.

- SOMMERVOGEL, C. (1890-1895), *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, 11 vols., Paris-Bruxelles.
- TEIXEIRA, Pe. Manuel (1956-1961), *As Ordens e Congregações Religiosas em Macau*, vol. 3: *Macau e a sua Diocese*, Macau, Tipografia Soi Sang.
- THOMAS, Luis Filipe Reis (1973), «Cinco documentos setecentistas da Missão da China», in *Portugaliae Historica*, vol. 1, pp. 282-292, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Instituto Histórico Infante Dom Henrique.
- TRANCHEFORT, François-René (1980), *Les instruments de musique dans le monde*, 2 vols., Paris, Seuil.
- Tratado (Um) sobre o Reino da China dos Padres Duarte Sande e Alessandro Valignano* (Macau 1590), Introdução, versão portuguesa e notas de Rui Manuel Loureiro, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1992.
- TRIGAULT, Nicolas (1615), *De Chistiana Expeditione apud Sinas Suscepta ab Societate Iesu cum Commentariis P. Mathaei Ricii, Augustae Vindelicorum*, Christophus Mangius.
- TRINDADE, Frei Paulo da (1962), *Conquista Espiritual do Oriente*, 2 vols., Lisboa, Centro de Estudos Históricos e Ultramarinos.
- WESSELS, C., S.J. (1924), *Early Jesuit Travellers in Central Asia 1603-1721*, The Hague, Martinus Nijhoff.
- YOKE HO, Peng, (1991), «China and Europe: Scientific and Tchnological Exchanges», in *China and Europe. Images and Influences in Sixteenth to Eighteenth Centuries*, Thomas H. C. Lee (ed.), Hong-Kong, The Chinese University Press, pp. 189-202.
- ZOLI, Sergio,(1974), *La Cina e l'età dell'illuminismo in Italia*, Bologna, Pàtron Editore.

Carta do Pe. Amiot, escrita em Pequim no dia 20 de Outubro de 1752 ao Pe. Allart, e na qual relata a sua chegada à capital imperial em 22 de Agosto de 1751, juntamente com mais dois jesuítas, de como fizeram a viagem e foram recebidos, e da festa de aniversário dos sessenta anos da mãe do Imperador, tendo os europeus oferecido uma máquina-relógio que representava um pequeno teatro, e de que como o Imperador apreciou este presente. Trata-se da *Lettre du père Amiot, missionnaire de la Compagnie de Jésus, au père Allart, de la même Compagnie A Pekin, le 20 octobre 1752*, in *Lettres Édifiantes et Curieuses, écrites des Missions étrangères. Mémoires de la Chine*. T.X in BALMORI-PADESCA, *Missionários, compositores e músicos na corte de Pequim (sécs. XVI-XVIII)*, pp. 13-16, que transcrevo aqui: *Lettres Édifiantes et Curieuses, écrites des Missions étrangères. Mémoires de la Chine.. Tome dixième Lettre du père Amiot, missionnaire de la Compagnie de Jésus, au père Allart, de la même Compagnie. A Pekin, le 20 octobre 1752 (....)*

«Le 16 décembre 1750, les Jésuites qui résident ici, présentèrent une requête à l'Empereur, par laquelle ils lui annonçoient l'arrivée de trois de leurs confrères (deux Jésuites portugais et moi), ajoutant que les connoissances que nous avons des sciences d'Europe, et entr'autres des mathématiques, de la musique et de la pharmacie, pourroient être de quelque utilité, s'il plaisoit à Sa Majesté de nous faire venir dans sa capitale. Le prince consentit de bonne grâce à ce qu'on souhaitoit. Il ordonna même que les trois Européens dont on lui parloit fussent défrayés aux dépens du trésor.(p. 503). La volonté de l'Empereur fut manifestée aux tribunaux. Ceux-ci la firent savoir au vice-roi de Canton, et lui enjoignirent en même temps qu'il eût à nous pourvoir de tout ce qui étoit nécessaire pour le voyage, l'avertissant que l'intention de Sa Majesté étoit que nous fussions traités suivant l'ancien rit. (p. 503)

«(....) et vers le commencement du mois de mars de l'année 1751, les mandarins de Canton envoyèrent au procureur de Macao, comme à celui qui représente les Européens, por s'enquérir, selon la coutume, si nous étions arrivés et si nous jouissions d'une bonne santé. Ils le chargeoient encore de nous prier de vouloir bien déterminer le jour de notre départ. (....). Nous répondîmes donc que le 28 mars, nous serions en état de nous mettre en chemin pour Canton. (....) Vers les trois heures du soir, je me rendis avec ceux de nos pères, tant Français que Portugais qui voulurent bien m'accompagner, dans la barque qui devoit me transporter à Canton. Nous n'arrivâmes à Canton qu'après cinq jours d'une paisible navigation. (p. 505)

«Comme c'étoit aux frais de l'Empereur que nous devions aller de Canton à Pekin, c'étoit au magistrat chinois de nous fournir le nécessaire. Il devoit de plus nous donner un mandarin pour veiller à notre sûreté durant la route. Les choses ne se font ici, qu'avec lenteur: on fut soixante-quatre jours à terminer cette affaire. Nous fûmes obligés de passer tout ce temps dans l'enceinte de nos barques, qui étoient au port de Canton exposées à toutes les ardeurs d'un soleil brûlant, et à l'infection d'une vase mêlée de toutes sortes d'ordures qu'y laissoit chaque jour le reflux de la rivière. (p. 505)

«Enfin, le premier jour de juin de l'année 1751, on nous dit que nos affaires étoient terminées; que notre passe-port étoit expédié; qu'on avoit livré à nos gens l'argent nécessaire, et qu'un des mandarins de marine avoit ordre de nous trouver des barques: car celles où nous étions n'étoient pas des barques de voyage, et n'appartenoient pas à l'Empereur. (p. 506)

«(...) Le 22 août, jour de dimanche, nous arrivâmes à Pekin vers midi. Quelques-uns de nos pères étoient venus an-devant de nous jusqu'à deux lieues de la ville. Ils nous invitèrent à aller descendre au collège des pères Portugais, pour nous transporter de là dans la chapelle de M. l'Evêque, où ce prélat nous attendoit revêtu de ses habits pontificaux. Nous eûmes l'honneur de lui être présentés et de recevoir sa bénédiction. Les circonstances de la dernière persécution et de l'état où se trouvoit actuellement la religion, lui fournirent les termes les plus pathétiques et les plus attendrissans, pour un petit discours qu'il nous adressa, après lequel, au son des instruments chinois, il entonna la messe pour remercier Dieu de (p. 507) lui avoir amené un renfort contre l'ennemi commun du genre humain. (p. 508)

«Quelques jours après notre arrivée, nous nous transportâmes à Hai-tien, (à trois lieues de Pekin), où étoit pour lors la cour. Le seigneur tartare qui est chargé des affaires qui nous concernent, avertit un des eunuques de la présence, que les Européens nouvellement arrivés venoient avec leurs confrères rendre hommage à Sa Majesté, et lui offrir des présens. Celui-ci en informa l'Empereur, qui répondit à la manière accoutumée: Je le sais (car ici l'Empereur sait toujours tout). A l'instant, on nous manda de faire les cérémonies prescrites pour ces sortes d'occasions, ce que nous exécutâmes de la manière suivante. Dans une des cours où nous étions pour lors rangés de front sur une même ligne, et la face tournée du côté de l'appartement de l'Empereur, nous nous prosternâmes d'abord avec une gravité, et dans un silence profond et respectueux. Trois fois nous frappâmes la terre du front. Nous nous relevâmes pour faire de nouveau la même cérémonie, que nous recommençâmes une troisième fois; après quoi on nous ordonna d'attendre les ordres de Sa Majesté. (p. 508)

«C'est une ancienne coutume à la Chine de célébrer avec pompe la soixantième année de la mère de l'Empereur. Quelques mois avant que cette princesse eût atteint cet âge, tous les tribunaux de la capitale, tous les vice-rois et grands mandarins de l'Empire eurent ordre de se préparer à la cérémonie prescrite, l'une des plus brillantes qui se fassent (p. 509) (...) Des deux côtés de la rivière s'élevoient des bâtimens de différentes formes. Ici c'étoit une maison carrée, triangulaire ou polygone, avec tous ses appartemens. Là étoit une rotonde, ou tel autre édifice semblable (...) Tous ces édifices étoient dorés, peints et embellis dans leurs usages particuliers. Dans les uns étoient des chœurs de musique; dans les autres, des troupes de comédiens; dans la plupart il y avoit des rafraichissemens et de magnifiques trônes pour recevoir l'Empereur et sa mère (...). (p. 511)

«Des chœurs de musique, des troupes de comédiens, de bateleurs disposés par intervalles le long de la rivière, tâchoient, chacun suivant sa force, sa science ou son adresse, de faire quelque chose qui pût agréer, sinon à l'Empereur et à sa mère, du moins à quelques grands de leur suite, au service desquels ils pouvoient espérer d'être admis. (p. 513)

«Parmi les présens qui furent faits dans cette occasion, se trouva ce qu'il y a de plus curieux et de plus rare dans les quatre parties du monde. Les Européens ne s'oublièrent pas. Comme ceux qui sont à la cour n'y sont reçus qu'en qualité de mathématiciens ou d'artistes, ils voulurent que leur présent répondît à ces titres, et pût être du goût de l'Empereur. Ils firent donc une machine dont voici à peu près la description. Un théâtre en hémicycle, d'environ trois pieds de haut, présentoit dans son enceinte des peintures d'un goût délicat. Ce théâtre avoit trois scènes de chaque côté, représentant chacune des dessins particuliers peints en perspective. Dans le fond, étoit une statue habillée à la chinoise, tenant entre ses mains une inscription par laquelle on souhaitoit à l'Empereur la vie la plus longue et la plus fortunée. (p. 516)

«(...) Le tout se mouvoit par des ressorts que faisoit aller une horloge dans la machine. Une pierre d'aimant qui étoit cachée aussi, et qui entourait le cadran, se faisoit suivre par l'oie, dont la plus grande partie étoit de fer. Quand l'heure étoit sur le point de sonner, la statue qui tenoit en main l'inscription, sortoit de son appartement qui étoit au fond du théâtre, et venoit avec un profond respect montrer sa légende; ensuite les six autres statues jouoient entre elles un air, en frappant, chacune sur son bassin, la note qui lui étoit assignée, autant de fois, et dans les temps que la musique le demandoit. Cela fini, le porteur de l'inscription s'en retournoit gravement, pour ne revenir qu'à l'heure suivante. Cette machine

*plut si fort à l'Empereur, qu'il voulut en témoigner sa reconnaissance aux Européens. (...). Il fit placer cette machine dans un des endroits du palais où il va le plus souvent, et on l'y conserve encore aujourd'hui avec grand soin. C'est ainsi que nous tâchons, pour l'intérêt de la religion, de gagner la bienveillance du prince et de lui rendre nos services utiles et nécessaires, afin de l'engager, sinon à devenir favorable aux Chrétiens, du moins à ne pas les persécuter, et à laisser aux ministres du Seigneur la liberté de faire connoître Jésus-Christ à ceux qui voudront bien les écouter. (p. 517)*

*«(...) Au reste, je ne parle que de ce qui s'est fait par notre mission française; comme les deux maisons que les pères Portugais ont à Pekin, ont chacune des chrétientés plus nombreuses sans comparaison que les nôtres, ces pères ont aussi recueilli beaucoup plus de fruit que nous.» (p. 519)*